ISSN: 2358-8829

ENTRE O VIVIDO E O INTERPRETADO: O CONCEITO DE PAISAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Jefferson Ricardo Balbino de Mendonça [1]
Maria Cristina Cavalcanti Araújo [2]

RESUMO

A paisagem constitui-se como uma categoria central da Geografia, compreendida como a expressão visível das interações entre elementos naturais e ações humanas no espaço geográfico, sendo apreendida por meio dos sentidos e da experiência cotidiana. No contexto do ensino de Geografia, esse conceito assume papel fundamental na construção do pensamento geográfico dos estudantes, pois possibilita a leitura crítica do espaço vivido e a compreensão das transformações socioespaciais ao longo do tempo. Assim, o presente estudo tem como objetivo destacar de que maneira o conceito de paisagem e suas transformações vêm sendo abordados no ensino de Geografia na Educação Básica. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamentando-se em produções acadêmicas que discutem o ensino de Geografia, a construção de conceitos geográficos no contexto escolar e o papel da paisagem como categoria analítica e didática. Os resultados apontam que, de modo recorrente, os estudantes apresentam uma compreensão restrita do conceito de paisagem, frequentemente associando-o a imagens estáticas, lugares agradáveis ou exclusivamente à urbanização, o que revela dificuldades na compreensão da paisagem como resultado de processos históricos, sociais, econômicos e ambientais inter-relacionados. Nesse contexto, destaca-se o papel fundamental da mediação pedagógica do professor, ao promover práticas que valorizem a observação, a problematização e a relação entre teoria e a realidade vivida, contribuindo para a ampliação do entendimento do conceitos de paisagem e para o desenvolvimento de aprendizagens mais significativas no ensino de Geografia.

Palavras-chave: Paisagem**,** Ensino de Geografia, Geografia escolar, Educação Básica.

[1] Pós-graduando do Curso de especialização em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, jefferson.mendonca@escolar.ifrn.edu.br;
[2] Doutora em Engenharia dos Recursos Naturais pela da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, cristina.cavalcanti@escolar.ifrn.edu.br.

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

A paisagem constitui-se como uma das categorias centrais da Geografia, sendo compreendida como a expressão visível das interações entre elementos naturais e ações humanas no espaço geográfico. Sua apreensão ocorre por meio dos sentidos e da experiência cotidiana, o que a torna um importante ponto de partida para a compreensão da realidade. No contexto escolar, esse conceito recebe destaque, sobretudo a partir da mediação docente, uma vez que o ensino de Geografia possibilita aos estudantes desenvolverem uma leitura crítica e reflexiva das transformações socioespaciais presentes em seu cotidiano.

Embora, à primeira vista, a paisagem possa parecer um conceito simples e de fácil entendimento, sua análise pode revelar múltiplas formas de organização do espaço, relações de poder, apropriação e transformação do ambiente ao longo do tempo. Nesse sentido, destaca-se que a ação humana modifica continuamente a paisagem ao mesmo tempo em que é por ela condicionada. Assim, a paisagem pode ser entendida como um "documento vivo", capaz de expressar processos sociais, econômicos e culturais, constituindo-se como uma ferramenta fundamental para a construção de uma leitura crítica da realidade, tanto em escala local quanto global.

Nessa perspectiva, esse estudo tem como objetivo analisar de que maneira o conceito de paisagem e suas transformações vêm sendo abordados no ensino de Geografia na Educação Básica. Para tanto, fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, dialogando com a Base Nacional Comum Curricular (2018) e com autores que discutem esse tema. Busca-se, assim, estabelecer uma relação entre os referenciais teóricos e as práticas pedagógicas, compreendendo o ensino da paisagem não como algo estático, mas como uma construção dinâmica, diretamente relacionada às experiências vividas pelos sujeitos em diferentes espaços, como a escola, a rua, o bairro e a cidade.

Nesse contexto, as reflexões desse estudo podem contribuir para aprimorar ainda mais o trabalho docente na sala de aula, ao promover a relação entre teoria e prática, o ensino de Geografia contribui para fortalecer a consciência espacial dos estudantes e para a formação de sujeitos mais conscientes na sociedade.

Por fim, observa-se que, em alguns casos, os estudantes ainda associam a paisagem apenas a lugares esteticamente agradáveis, desconsiderando suas múltiplas

ISSN: 2358-8829

dimensões. Nesse processo, o papel do professor torna-se fundamental, especialmente por meio de práticas pedagógicas dialógicas, capazes de ampliar a compreensão dos alunos e promover novas formas de leitura e interpretação do espaço geográfico.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada em produções acadêmicas, como artigos científicos, livros e documentos oficiais que discutem o ensino de Geografia, a construção de conceitos geográficos no contexto escolar e o papel da paisagem como categoria analítica e recurso didático.

A abordagem qualitativa possibilita uma compreensão mais aprofundada das discussões teóricas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, ao considerar os múltiplos significados e interpretações presentes nas práticas educativas. Conforme Minayo (2023), esse tipo de pesquisa permite acessar o universo simbólico das práticas sociais, contemplando sentidos, intencionalidades e interpretações que orientam as ações humanas.

Nesse sentido, o estudo busca analisar de que maneira o conceito de paisagem e suas transformações vêm sendo abordados no ensino de Geografia na Educação Básica, articulando reflexões que dialogam com o contexto escolar e com as experiências de professores e estudantes.

A pesquisa bibliográfica desempenha papel central neste trabalho, uma vez que possibilita a construção de um referencial teórico consistente, fundamental para a análise proposta. De acordo com Gil (2022), esse tipo de pesquisa baseia-se na análise sistemática de materiais já publicados, como livros, artigos, teses, dissertações e documentos oficiais, sendo essencial para o embasamento crítico das discussões e para a inserção do estudo no campo da Educação Geográfica.

Dessa forma, a metodologia adotada contribui para o desenvolvimento de uma análise coerente e fundamentada, alinhada aos objetivos da pesquisa e às discussões contemporâneas sobre o ensino de Geografia.

O ESPAÇO GEOGRÁFICO E A PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O espaço geográfico constitui uma das categorias fundamentais da ciência geográfica, sendo indispensável para a compreensão das dinâmicas estabelecidas entre

ISSN: 2358-8829

sociedade e natureza. Seu estudo permite identificar diferentes formas de organização, apropriação e transformação do ambiente ao longo do tempo, evidenciando que a ação humana, ao mesmo tempo em que modifica a paisagem, também é por ela condicionada.

Essa relação dialética, conforme destaca Luz Neto (2024), revela a singularidade da ação humana, marcada pela capacidade de agir intencionalmente sobre o meio natural, ao mesmo tempo em que é influenciada por ele. Tal dinâmica repercute diretamente a maneira como os sujeitos percebem e se apropriam do espaço vivido, aspecto que ganha relevância no contexto escolar, onde o professor assume o papel de mediador na construção de uma leitura crítica da realidade.

Braga (2007) contribui para essa discussão ao afirmar que o domínio das técnicas possibilita ao ser humano intervir no território, moldando-o conforme necessidades históricas e culturais. Nesse processo, a cultura atribui significados aos lugares, fortalecendo vínculos de identidade e pertencimento. Nesse processo, a cultura atribui significados aos lugares, fortalecendo vínculos de identidade e pertencimento. Assim, compreender essas relações permite aos estudantes reconhecerem que suas ações, individuais e coletivas, participam da produção do espaço geográfico.

Nesse sentido, Santos (1978, p. 171) afirma que “o espaço evolui pelo movimento da sociedade total”, destacando seu caráter dinâmico e em constante transformação, condicionado pelos modos de vida, pelas relações de produção e pelas formas de organização social.

A paisagem, por sua vez, pode ser compreendida como a dimensão sensível do espaço geográfico. Bernardes (2020) aponta que, enquanto o espaço se configura como movimento, a paisagem representa sua expressão visível e material. Constituída por elementos naturais e artificiais, bem como por sons, cheiros e memórias, a paisagem expressa as interações sociais e naturais que configuram o território, funcionando como um “documento vivo” dos processos em curso.

Santos (1997) amplia essa compreensão ao definir a paisagem como um conjunto dinâmico que articula permanências e mudanças sociais, não se restringindo ao visível, mas incorporando dimensões sensoriais e simbólicas. Assim, a paisagem não é apenas aquilo que se vê, mas também aquilo que se vive, sendo resultado histórico das ações humanas.

ISSN: 2358-8829

Na mesma direção, Porto-Gonçalves (2006) destaca que a paisagem carrega marcas do poder e da história, configurando-se como espaço de disputas, resistências e apropriações. Pode, portanto, ser interpretada como um texto geográfico, no qual se inscrevem contradições sociais e processos históricos. No contexto educacional, essa perspectiva favorece o desenvolvimento de capacidades analíticas e interpretativas nos estudantes.

Moraes (2005) ressalta que o trabalho com o conceito de paisagem em sala de aula é fundamental para o desenvolvimento da leitura crítica do mundo. Esse processo pode iniciar-se pela observação de paisagens próximas — como a escola, a rua e o bairro — e ampliar-se para outras escalas, promovendo um aprendizado significativo e articulado à realidade dos estudantes.

Outro aspecto relevante refere-se à paisagem cultural, entendida como resultado da interação contínua entre sociedade e natureza. Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2007), ela constitui um testemunho dessa relação, passível de múltiplas leituras no tempo e no espaço. Sua preservação envolve não apenas aspectos estéticos, mas também questões relacionadas à identidade, memória e pertencimento. Nesse sentido, Sauer (1998, p. 59) sintetiza: “A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado”, evidenciando a interdependência entre cultura e natureza na produção das paisagens.

Dessa forma, o estudo do espaço geográfico e da paisagem no contexto escolar ultrapassa a simples descrição do meio físico, permitindo compreender as ações humanas, suas implicações no território e as possibilidades de interpretação crítica da realidade. Ao articular teoria e prática, o ensino de Geografia contribui para o fortalecimento da consciência espacial e para a formação de sujeitos críticos e reflexivos.

TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM E O ENSINO DA GEOGRAFIA À LUZ DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), por meio da habilidade EF06GE01, orienta que os estudantes compreendam a paisagem como resultado de transformações ao longo do tempo e dos diferentes usos do espaço, valorizando tanto seus aspectos naturais quanto sociais. Nessa perspectiva, Ribeiro (2007, p. 9) afirma que

ISSN: 2358-8829

“a paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo”. Assim, o estudo da paisagem ultrapassa a simples observação, exigindo interpretação e sensibilidade para compreender a dinâmica contínua do espaço geográfico.

No componente curricular de Geografia, a BNCC propõe uma abordagem crítica e contextualizada, ancorada na realidade vivida pelos estudantes, de modo a favorecer a compreensão das dinâmicas socioespaciais em diferentes escalas. O documento destaca que a compreensão dos conceitos de paisagem e transformação é fundamental para analisar modos de vida, formas de ocupação e usos do espaço ao longo do tempo, reforçando a necessidade de um ensino conectado ao cotidiano dos educandos e orientado para a leitura crítica do espaço vivido.

A paisagem, enquanto conceito estruturante da Geografia escolar, assume papel de destaque, especialmente no 6º ano do Ensino Fundamental. A habilidade EF06GE01 propõe que os alunos “comparem modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos” (BRASIL, 2018, p. 388), o que demanda do professor uma prática pedagógica que articule o conhecimento científico às experiências locais dos estudantes.

Nessa direção, a paisagem deve ser compreendida em suas múltiplas dimensões. Para Santos (1996), ela constitui o “palco da ação humana”, reunindo marcas históricas, culturais, econômicas, políticas e afetivas. Desse modo, sua análise não pode se restringir ao aspecto visual, devendo incorporar os significados atribuídos pelos sujeitos aos lugares, envolvendo pertencimento, memória e identidade territorial.

Cavalcanti (2019) reforça que o ensino de Geografia deve possibilitar a compreensão da complexidade do espaço geográfico em suas diferentes dimensões. Para isso, torna-se fundamental valorizar os saberes prévios dos estudantes e utilizar o lugar como ponto de partida para a construção do conhecimento, articulando-o ao saber científico. Assim, a Geografia escolar configura-se como um campo de construção crítica e significativa do conhecimento.

O papel do professor, nesse processo, é central. Conforme destaca Dowbor (2008, p. 67), “para que o educando seja produtor de conhecimento, é necessário que o educador também o seja”. Nessa perspectiva, a sala de aula deve constituir-se como um espaço dialógico, no qual o conhecimento seja construído de forma ativa, a partir da problematização do cotidiano e da mediação qualificada do professor. Desse modo, o

ISSN: 2358-8829

ensino da paisagem torna-se mais significativo, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e reflexivos.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A sala de aula configura-se como um espaço marcado pela diversidade de sujeitos, experiências e trajetórias de aprendizagem, o que representa um elemento central para a prática docente. Reconhecer que cada estudante possui vivências e ritmos próprios de assimilação dos conteúdos possibilita ao professor desenvolver uma atuação mais sensível e contextualizada, especialmente no ensino de conceitos geográficos como o de paisagem. Além disso, observam-se variações significativas entre turmas, inclusive em função dos turnos escolares, o que exige constante adaptação das estratégias pedagógicas.

Nesse contexto, o planejamento docente não se apresenta como um instrumento rígido, mas como uma prática flexível, construída a partir das especificidades dos estudantes. A mediação pedagógica torna-se, portanto, fundamental, ao articular os objetos de conhecimento às experiências dos alunos, favorecendo a construção de aprendizagens mais significativas. Conforme Vygotsky (2001), o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da interação social e da valorização dos saberes prévios, o que reforça a importância de práticas dialógicas no processo de ensino-aprendizagem.

No ensino de Geografia, as orientações da BNCC contribuem para o desenvolvimento de abordagens críticas e contextualizadas, ao enfatizar a necessidade de relacionar os conteúdos à realidade vivida pelos estudantes. Ainda que estabeleça diretrizes obrigatórias, o documento também assegura ao professor certa autonomia na organização das práticas pedagógicas, permitindo a adaptação dos conteúdos às especificidades do contexto escolar.

No que se refere especificamente ao conceito de paisagem, os resultados evidenciam que muitos estudantes ainda o associam predominantemente a elementos estéticos, como lugares “bonitos”, áreas sem poluição ou paisagens naturais idealizadas, como praias e ambientes preservados. Essa compreensão limitada revela a persistência de uma visão reducionista, que desconsidera as dimensões sociais, históricas e culturais que compõem a paisagem.

ISSN: 2358-8829

A análise desse dado, à luz de Luz Neto (2024), permite compreender que as transformações espaciais resultam de ações humanas intencionais, frequentemente vinculadas a interesses de grupos específicos. Tal perspectiva dialoga com Braga (2007), ao destacar que a intervenção no território expressa relações de poder e estratégias de dominação, evidenciando que a paisagem não é neutra, mas produto de disputas e processos históricos.

Diante disso, torna-se evidente a necessidade de práticas pedagógicas que ampliem a compreensão dos estudantes sobre o conceito de paisagem, superando visões simplificadas e estimulando uma leitura crítica do espaço geográfico. Estratégias como a análise do entorno escolar, a comparação de paisagens em diferentes tempos e o uso de registros visuais podem contribuir para esse processo, favorecendo a construção de um olhar mais atento às transformações socioespaciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino e a aprendizagem sobre paisagem e suas transformações espaciais se configuram como elementos fundamentais para o desenvolvimento integral dos estudantes, possibilitando-lhes compreender o espaço geográfico de forma crítica, sensível e reflexiva. O ensino e a aprendizagem do conceito de paisagem e de suas transformações configuram-se como elementos fundamentais para a formação dos estudantes, ao possibilitar a compreensão do espaço geográfico de maneira crítica, sensível e reflexiva.

Os resultados desta pesquisa evidenciam que, ao abordar a paisagem de forma articulada às experiências concretas dos estudantes, o professor contribui para que eles se reconheçam como sujeitos ativos na construção e transformação dos espaços em que vivem. Essa perspectiva amplia a compreensão sobre os interesses políticos, econômicos, sociais e culturais que moldam o território, favorecendo análises mais consistentes acerca de questões como o crescimento urbano desordenado, os problemas socioambientais e as desigualdades territoriais.

Destaca-se, ainda, a importância de que os recursos e estratégias pedagógicas estejam alinhados ao currículo e às realidades dos estudantes, uma vez que suas interpretações sobre a paisagem podem variar entre leituras mais críticas e compreensões baseadas no senso comum. Tal aspecto reforça que o processo de

ISSN: 2358-8829

aprendizagem não é neutro, sendo influenciado pelas mediações pedagógicas, pelos contextos sociais e pelos repertórios culturais dos sujeitos.

Quando orientado por uma perspectiva crítica, contextualizada e inclusiva, o ensino da paisagem possibilita aos estudantes compreenderem o espaço como uma construção social dinâmica, reconhecendo-se como agentes capazes de intervir na realidade de forma ética e responsável. Nesse sentido, a Geografia escolar reafirma seu papel na formação de sujeitos críticos, conscientes e atuantes na sociedade.

Em síntese, o estudo da paisagem — em suas dimensões naturais e culturais — favorece a leitura crítica do espaço geográfico, permitindo aos estudantes identificar desigualdades, relações de poder e transformações territoriais. Assim, o trabalho pedagógico do professor assume papel central, não apenas na mediação do conhecimento, mas na formação de uma consciência espacial comprometida com a construção de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, A. Milton Santos: **os conceitos geográficos e suas concepções.** Formação (Online), v. 27, n. 50, p. 275-299, 2020. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/download/6564/5610/27668. Acesso: 10 mai. 2026.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso: 10 mai. 2026.

BRAGA, Rhalf Magalhães. **O espaço geográfico: um esforço de definição.** GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, No 22, pp. 65 - 72, 2007. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/geousp/article/download/74066/77708/99616. Acesso: 10 mai. 2026.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2019.

DOWBOR, Fátima Freire; CARVALHO, Sônia Lúcia de; LUPPI, Deise Aparecida (Orgs.). **Quem educa marca o corpo do outro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo:Atlas, 2002.

IPHAN; UFPEL; Prefeitura Municipal de Bagé. **Carta de Bagé ou Carta da Paisagem Cultural.** 2007, p. 01-02. Disponível em

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-02062011-074942/publico/Anexos.pdf acesso em: 10. mai. 2026.

MORAES, A C. R. **Geografia: Pequena História Crítica.** 20ª edição. São Paulo: Annablume, 2005, 150p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2023.

LUZ NETO, Daniel Rodrigues Silva. **Pensar geograficamente uma atividade intelectual poderosa para os estudantes na educação básica.** Goiânia. -GO: C&A Alfa comunicação, 2024.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. **De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana.** Disponível em: https://posgeo.uff.br/wp-content/uploads/sites/256/2020/06/texto_carlos_walter.pdf acesso: 10 mai. 2026.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio** – Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007 p. 152; 16 x 23 cm. – (Pesquisa e Documentação do IPHAN: 1).

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** São Paulo: Edusp, 2002 [1996].

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** 4ª Edição. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SAUER, Carl Ortwin. A Morfologia da Paisagem. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.